

## LER E ESCREVER: ATIVIDADES QUE NECESSITAM DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Adílcima Scardini de Moraes<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar as práticas de intervenção pedagógica em turmas de anos iniciais – 1º ao 5º ano - no Centro Municipal de Ensino Sílvio Paternez, Município de Tangará da Serra, Estado de Mato Grosso e como as modalidades organizativas do processo de alfabetização e letramento estudadas na formação continuada do Pacto Nacional pela alfabetização na Idade Certa foram de fundamental importância nesse processo. A metodologia utilizada para este estudo foi observação das práticas, entrevistas, análise de dados outrora coletados e pesquisa bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intervenção. Leitura. Escrita.

### RESUMEN

El propósito de este artículo es describir las prácticas pedagógicas de intervención en las clases de años tempranos - 1º a 5º grado - en el Centro Municipal de Educación Silvio Paternez, municipio Tangara de Serra, Estado de Mato Grosso y como las disposiciones de organización para el proceso de alfabetización y alfabetización estudiado en la formación continuada del Pacto Nacional para la educación en el Medio Uno era de importancia fundamental en este proceso. La metodología utilizada para este estudio fue la observación de las prácticas, entrevistas, análisis de datos una vez recogidos y la literatura.

**PALABRAS CLAVE:** Intervención. Lectura. Escritura

### INTRODUÇÃO

Ao entrar na escola, toda criança manifesta o desejo de aprender a ler e escrever. Os pais sempre incentivam seus filhos com ditos populares como: “é preciso ir à escola para não ficar burro”. A aprendizagem da leitura e escrita é que propiciam ao sujeito o ingresso numa sociedade letrada.

---

<sup>1</sup>Graduada em Sociologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (2007) e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1988). Especialização em Currículo e Metodologias de Ensino pela UNIC - Universidade de Cuiabá e em Gestão Educacional pela UFMT Atualmente é professora da UniSerra- FAEST - Faculdade de Educação de Tangara da Serra, professora Formadora pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura atuando como orientadora de estudos no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é Professora Articuladora no Sistema Estadual de Ensino.

A leitura e a escrita aparecem como objetivos prioritários da Educação Fundamental. Espera-se que, no final dessa etapa, os alunos possam ler textos adequados para a sua idade de forma autônoma (SOLÉ, 2009, p.34)

A pedagogia contemporânea nos apresenta os estudos de Magda Soares a cerca do letramento. Os gêneros textuais que circulam em nosso meio são ferramentas importantes na construção da leitura e escrita. Crenças a respeito de como a criança apreende o objeto de estudo são desmistificadas. A repetição de modelos dos tradicionais métodos de alfabetização não serve mais aos propósitos de ensino e aprendizagem dos educandos. A escrita passa a ser vista como um sistema notacional de representação do alfabeto, conseqüentemente da escrita.

Nesse contexto surge o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC - como um programa do Ministério da educação que visa à formação dos professores alfabetizadores em parceria com as Universidades formadoras e Secretarias Municipais de Educação.

O presente trabalho visa demonstrar a utilização das modalidades organizativas estudadas no material bibliográfico do PNAIC, através da formação continuada de professores alfabetizadores e a transposição didática das concepções teóricas que fundamentam a pratica de alfabetização no contexto escolar. De acordo com (MELO, 2013) a transposição didática é a maneira pela qual a proposta pedagógica entra em ação, é por meio desta que as intenções educativas, as competências a serem desenvolvidas nortearão a escolha, tratamento, recorte, partição de conteúdos, que darão conta de tornar viável aquilo que foi anteriormente consensuado.

A Escola de referência para este estudo é denominada Centro Municipal de Ensino Sílvio Paternez e está localizada no Jardim Santa Izabel, bairro periférico do município de Tangará da Serra, estado de Mato Grosso e alunos oriundos de diferentes bairros e situações sociais diversas, sendo a maioria de condições econômicas baixa, uma vez que muitos são assistidos pelo programa social bolsa família.

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) do Município de Tangará da Serra através do PAR – Programa de Ações Articuladas investiu na estrutura física,

mas não descuidou da formação continuada. Ao todo são 280 professores efetivos e 250 interinos que fazem anualmente teste seletivo para após a aprovação serem contratados para o ano letivo. Todos os professores são graduados e a maioria tem cursos de pós-graduação.

No ano de 2014 o Tribunal de Contas do Estado de Mato Grosso através do parecer 7721-6/2014 em análise ao resultado das políticas públicas da educação sugeriu a adoção de medidas para melhorar os resultados das avaliações do IDEB que estavam baixas, havia decrescido a média municipal de 2011 para o ano de 2013. Nos itens de referência do IDEB o grande vilão do município é a reprovação.

Alguns Centros Municipais de Ensino apresentaram alto índice de reprovação e no coeficiente a somatória das avaliações de larga escala ficou muito baixa. O IDEB \_ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica \_ avalia alunos do 5º e do 9º ano nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

O plano de intervenção pedagógica foi pensado pelo gestor municipal Fábio Martins Junqueira e fundamentado pelo decreto municipal 047 de 26 de fevereiro de 2015 com objetivo de melhorar a aprendizagem da leitura, escrita e raciocínio matemático, conseqüentemente os índices do IDEB.

A SEMEC de Tangará da Serra através da sua equipe pedagógica, após levantamento das dificuldades enfrentadas pelas escolas, elaborou um plano de intervenção pedagógica a partir das prerrogativas do decreto que previu a elaboração de um sistema de avaliação próprio para o Sistema Municipal de Ensino, que consiste em: avaliação diagnóstica, avaliação de desempenho no primeiro e segundo semestre e seminário de avaliação da qualidade de ensino, este realizado em Julho de 2015 quando os gestores escolares socializaram os seus projetos de intervenção e as metodologias utilizadas pelos professores neste trabalho.

Para a elaboração deste plano primeiramente a Secretaria Municipal de Educação e Cultura através do Departamento Pedagógico aplicou provas de Língua Portuguesa e Matemática para as turmas de 1º, 3º, 5º, 7º e 9º ano das nove escolas urbanas e uma que se localiza na área rural. As provas de Língua Portuguesa tinham questões de múltipla escolha e uma produção textual.

A primeira prova foi aplicada no dia 30 de março de 2015 por uma equipe externa à escola. A correção foi feita por uma comissão composta por professores, coordenadores e equipe pedagógica da Secretaria de Educação. Os dados foram analisados pela equipe pedagógica da SEMEC a partir de alguns critérios: - Nas turmas referentes ao processo de alfabetização a prova de Língua Portuguesa foi classificada nos níveis: Pré – Silábico, Silábico e Alfabético, o nível Silábico Alfabético, conforme (FERREIRO & TEBEROSKI,1999) não foi considerado aqui intencionalmente como um meio de facilitar o trabalho.

No Nível Pré-Silábico: O aluno que não escreve com desenhos, ele já usa letras ou, se não conhece nenhuma, usa algum tipo de sinal ou rabisco que lembre letras. Nesse nível o aluno ainda nem desconfia que as letras possam ter qualquer relação com sons da fala, ele só sabe que se escreve com símbolos, mas não relaciona esses símbolos com a língua oral.

No Nível Silábico: O aluno descobriu que as letras representam os sons da fala, mas pensa que cada letra é uma sílaba oral, se alguém lhe pergunta quantas letras é preciso para escrever “cabeça”, por exemplo, ele repete a palavra para si mesmo, devagar, contando as sílabas orais e responde: três, uma para “Ca” uma para “be” e uma para “ça”.

No Nível Alfabético: O aluno compreendeu como se escreve usando as letras do alfabeto, descobriu que cada letra representa um som da fala e que é preciso juntá-las de um jeito que formem sílabas e palavras de nossa língua.

Após a aplicação de provas, feito o levantamento diagnóstico e classificação dos alunos por níveis a Coordenação do Centro Municipal de Ensino Sílvia Paternez comparou os dados obtidos nas provas aplicadas com o diagnóstico da leitura oral feito pela coordenação da escola no início do ano letivo de 2015. Constatou-se então que nos anos iniciais (1º ao 5º ano) havia 120 alunos classificados em nível insuficiente, estes lendo e escrevendo muito mal.

### **Resultados da avaliação diagnóstica realizada em 30/03/2015 pelos alunos do 3º ano do CME Sílvia Paternez**

<b>Nº de turmas 3º ano</b>	<b>Nº de alunos que realizaram a avaliação</b>	<b>Nível - I Pré-Silábico %</b>	<b>Nível - II Silábico %</b>	<b>Nível - III Alfabético %</b>
03	85	31,9%	57,6%	10,5%

Existem outras dificuldades apontadas pelos professores desta unidade escolar. Em relatório enviado à Secretaria de Educação enumeram diversos entraves ao processo de ensino aprendizagem entre eles a baixa participação dos pais dos alunos no cotidiano escolar, a não execução de tarefas de casa, o desinteresse do aluno e indisciplina.

Pelo decreto, outrora citado, cada Centro de Ensino elaborou o planejamento de como a escola através de toda a sua equipe de profissionais da educação interviria no sentido de auxiliar os alunos classificados no nível insuficiente e básico a superar as suas dificuldades ou déficits de aprendizagem dos itens outrora avaliados.

O desafio é promover a descoberta e a utilização da escrita como instrumento de reflexão sobre o próprio pensamento, como recurso insubstituível para organizar e reorganizar o próprio conhecimento, em vez de manter os alunos na crença de que a escrita é somente um meio para reproduzir passivamente, ou para resumir \_ mas sem reinterpretar \_ o pensamento de outros. (LERNER, 2002, p. 28-29)

A aprendizagem da leitura e escrita é processual. Só se aprende a ler e escrever, lendo e escrevendo. É um exercício que requer do professor habilidades para motivar os alunos, questioná-los incitando-os a querer descobrir as maravilhas que os textos trazem. O sujeito leitor usa a sua vivência para interpretar o contexto textual e através disso é capaz de fazer inferências, elaborar hipóteses, imaginar e criar, a partir das leituras que tem disponível. A escola em questão possui um acervo literário maravilhoso e resolveu fazer uso deste de forma mais dinâmica e construtiva no sentido de auxiliar os alunos a desenvolver um comportamento leitor, além de outras descobertas.

A coordenação do Centro de Ensino juntamente com os professores elaborou uma proposta de trabalho com o intuito de superar os déficits de leitura e escrita. Discutiram

e elaboraram seus planos inserindo metodologias diferenciadas de trabalho para favorecer a aprendizagem da leitura e escrita, bem como o raciocínio matemático.

Para esses alunos a equipe de profissionais que atua nessa modalidade de ensino planejou agrupá-los considerando tais níveis. Os professores organizaram um cronograma quinzenal com aulas aos sábados. Com os três grupos de alunos do processo de alfabetização o planejamento de trabalho foi organizado na intencionalidade de superação das dificuldades encontradas na aprendizagem e domínio da leitura e escrita tais como: compreensão e valorização da cultura escrita, ordem alfabética, análise linguística, oralidade, produção de textos escritos de forma coletiva, em grupo e individuais, respeitando o nível de desenvolvimento de cada grupo.

A segunda parte do trabalho de intervenção na aprendizagem dos alunos alfabetizando é muito interessante. Uma das coordenadoras do CME Sílvio Paternez, professora alfabetizadora de longa data, cursista dos programas Pró-Letramento e PNAIC considerou que a partir do conhecimento que ela tem da vivência dos alunos, aulas quinzenais para a criança elaborar e construir conhecimentos seria de pouca ajuda. É preciso ação intensa, diária porque aos alunos não têm o hábito de estudar em casa, as famílias não auxiliam nas tarefas, então partindo desse pressuposto convidou alunos dos anos finais para uma conversa.

Nesse primeiro momento informou aos colaboradores a importância do ato de ler e escrever para uma sociedade letrada, pediu que eles auxiliassem no processo de monitoramento de leitura dos alunos. Elaborou um cronograma e orientou os alunos na execução do trabalho que deveriam fazer. Desse modo os 120 alunos do 1º ao 5º ano que apresentaram déficits de leitura, em outras palavras, liam mal, para a faixa etária e ano escolar começaram a participar das atividades desenvolvidas na biblioteca.

De acordo com (Solé, 2009, p. 76) o professor exerce uma função de guia e nessa função deve ajudar o aluno a contrastar e relacionar seu conhecimento prévio para a *posteriori* assumir a responsabilidade de forma progressiva até se mostrar competente na aplicação autônoma do que foi apreendido. A professora viu naqueles discentes uma possibilidade de interação entre diversos alunos em situações de aprendizagem diferente. Um ajudando o outro e a professora mediando e orientando o processo.

Segundo (VASCONCELLOS. 2008, p.12) intervir – significa guiar para a prática que se quer transformadora. Indicar caminhos. Ajudar a ganhar competência para a ação: entender o que está acontecendo; projetar objetivos para a ação. Nesse sentido a busca por melhores resultados é uma iniciativa do professor que de forma bastante significativa solicita que outros alunos se envolvam no processo de ensinar, mas sem perder de vista a centralidade da função do professor enquanto alguém que vai guiar, orientar a ação de ensinar.

A professora do CME Sílvia Paternez elaborou três tipos de cadernos: O 1º tem atividades de leitura com as vogais, alfabeto, sílabas e palavras com sílabas simples, e atividades de escrita como cruzadinhas, formação de palavras e análise linguística. O 2º tem atividades de leitura com sílabas complexas, palavras e frase curtas e atividades de escrita como: formação de palavras, trocadilhos e aliteraões, rimas, interpretação de textos, análise linguística. O 3º caderno com atividades de leitura de diferentes gêneros textuais e as atividades escritas são de compreensão do texto e consciência fonológica e ortografia.

Os monitores em horário oposto ao de estudo chegam à escola e vão direto para a biblioteca receber a orientação do que deverão fazer. A professora tem o diagnóstico de leitura dos alunos em mãos e então recomenda a cada monitor como deve abordar os alunos. O monitor vai até a porta da sala de aula, bate na porta, pede licença ao professor da turma e diz qual o aluno ele foi chamar. Solicita ao professor a dispensa deste por algum tempo e leva a criança pela mão, no caminho até a biblioteca conversa e se apresenta dizendo que vai ajudá-lo a ler.

Cada aluno tem um registro feito pela professora a respeito de sua compreensão leitora. A professora indica qual o texto, livro, ficha de leitura, enfim qual o material cada aluno vai ler. Normalmente são 4 ou 5 crianças lendo para os seus monitores, quando sentem dificuldades de ler o monitor informa à professora que imediatamente vê o que deve ser feito. Se o aluno ainda não compreende o sistema de escrita alfabética a professora orienta para a formação de palavras utilizando o alfabeto móvel e outras fichas de leitura. Nesse nível é orientado a montar palavras, a partir de um banco de atividades com jogos de análise linguística e consciência fonológica, como bingo dos sons iniciais, jogos de rimas e outros.

Todas as crianças que aprendem a falar, inclusive as disléxicas, têm habilidades fonológicas importantes e desenvolvem essas habilidades muito rapidamente e, também muito antes da alfabetização (...), a diferença entre “pato” e “gato” reside apenas na discriminação do fonema inicial: as crianças já começam a reconhecer essa diferença claramente antes de completarem o seu segundo ano de vida (NUNES, BUARQUE, BRYANT. 2007, p.39)

Os registros de leitura e escrita são feitos de forma interessante, porém de cunho tradicional, vale ressaltar aqui que nem tudo que é tradicional tem caráter obsoleto e sem significado nesse processo. As anotações sobre domínio das capacidades de leitura e escrita poderiam ser feitos a partir do quadro de direitos de aprendizagem dos eixos de apropriação do sistema de escrita, leitura e produção escrita, mas como é apenas uma professora coordenando todo o trabalho fica difícil tal registro. Os monitores são adolescentes e não têm noção de como esses direitos se configuram. São muitas crianças atendidas diariamente, assim os registros são feitos em fichas onde consta o nome do aluno e a atividade que ele já domina numa tentativa de não perder de vista em qual atividade ou lição o mesmo parou. Em conversa com a professora percebe-se que a mesma conhece muito bem os direitos de aprendizagem relacionados ao processo de alfabetização, uma vez que os menciona, conhece cada aluno nominalmente, sabe qual a turma de origem do mesmo e qual foi o ponto de partida, em outras palavras, o que esse aluno sabia no início do trabalho e quais os avanços na conquista dos direitos de aprendizagem da alfabetização e letramento, embora não conste muito sobre isso em seus escritos e anotações.

Algumas das atividades são pouco reflexivas, repetitivas e causam a impressão de “algo a ser seguido, repetido, imitado”. O viés que se tem nesse processo é o uso das antigas cartilhas de alfabetização que traziam atividades de cópia e repetição de modelos prontos que não propiciavam nenhum tipo de reflexão ou análise da língua.

Os adeptos dos velhos métodos acreditavam que uma boa cartilha, com um plano de ensino bem controlado, seria uma garantia de alunos alfabetizados ao final do ano, desde que estivessem aptos, no início do ano letivo, a usufruir dos ensinamentos daquele material (MORAIS. 2012, p. 38)

Compreender as tecnologias que envolvem o sistema de escrita é fundamental para que os alunos mergulhem na atividade em questão. É um conhecimento que precisa



ser mediado pelo professor. O livro didático, de um modo geral, avançou na proposição de atividades orais e reflexivas em torno da escrita. Os estudos de formação continuada centrados no sociointeracionismo despertaram o professor para o reconhecimento de que para ensinar o sujeito é preciso compreender o modo como ele pensa e elabora o seu conhecimento.

No dia 30 de junho de 2015 foi aplicada em todos os CMEs a avaliação de desempenho. A prova do 3º ano, foi elaborada de modo similar à primeira que era diagnóstica, com um pouco mais de complexidade e contendo dez questões assim distribuídas: assinalar a palavra a partir do desenho dado, assinalar a sílaba inicial da palavra a partir do desenho, identificar a palavra final do texto, identificar num grupo de palavras a sílaba final tomando por base o desenho que representa a palavra, interpretação de texto, identificação de um determinado gênero textual, interpretação de texto imagético de tirinhas, escrita do nome de dez desenhos, elaboração de frase a partir da imagem de um menino jogando o lixo no cesto e por último produção de um texto a partir de uma cena em que um menino estava soltando pipa se enrolou na mesma e caiu.

O resultado da avaliação de desempenho dos alunos do 3º ano em Língua Portuguesa do CME Sílvio Paternez foi o seguinte:

<b>Nº de turmas 3º ano</b>	<b>Nº de alunos que realizaram a avaliação</b>	<b>Nível - I Pré-Silábico %</b>	<b>Nível - II Silábico %</b>	<b>Nível - III Alfabético %</b>
03	90	2,20	39,9	57,9

Comparando os resultados da avaliação diagnóstica com a avaliação de desempenho pode se constatar que houve uma mudança significativa nos resultados obtidos, deste modo, o trabalho realizado pela escola fluiu.

A organização da rotina estabelecida pela professora que diariamente, manhã e tarde, trabalha com os alunos não deixando nenhuma criança sem atendimento semanal, o cuidado que tem ao planejar as atividades, a afetividade criada com os alunos e entre os monitores e pequenos leitores, a interação com o professor da sala de aula nos

momentos de planejamento para as atividades quinzenais, a responsabilidade cobrada dos pais no sentido de acompanhar as tarefas de casa, a disponibilidade da professora que como coordenadora priorizou trabalhar na intervenção, primeiro porque ama alfabetizar, segundo porque com seu conhecimento e formação sentiu que essa função também é dela. A professora é muito criativa e organizada, nos fins de semana e nas férias encapou com E.V.A todos os cadernos dos alunos e todos fazem atividades dos três cadernos, já citados.

As modalidades organizativas do processo de alfabetização e letramento estudadas no PNAIC, programa de formação continuada aos professores foram de fundamental importância nesse processo porque elas nortearam a prática pedagógica.

Perceber que o famoso silabário colado nas paredes das salas de alfabetização não tem nenhum propósito ou serventia pedagógica foi um ganho para esta professora que a partir disso começou a pautar o seu trabalho em atividades mais significativas tais como: análise linguística, jogos para consciência fonológica, brincadeiras e outras atividades lúdicas e prazerosas.

Se podemos afirmar que é lendo que se aprende a ler e se podemos afirmar que a leitura, consistente e contínua, de bons e variados textos, é capaz de formar o leitor, é capaz de municiá-lo com elementos que favorecem mais e melhor compreensão, penso que é exatamente nos vastos domínios da literatura que pode ser encontrada a chave para a formação do brasileiro-leitor que tanto desejamos ver proliferar em nosso país. (MARIA. 2009, p. 17)

O plano de intervenção continua por todo o ano de 2015. Certamente ele será um despertar de toda a comunidade escolar. Quantos alunos temos ainda nas salas de aula à margem do processo educacional? É preciso refletir os significados do ato de ensinar a ler e escrever. Sendo a leitura e escrita exercícios fundamentais na edificação do sujeito, na construção do cidadão percebe-se que as escolas têm ainda muito a intervir no processo de alfabetização e letramento dos educandos. A educação é um direito de todos, mas é preciso olhar o todo incluindo as diferenças e a multiplicidade que as escolas possuem no quadro de alunos e também professores.

No mês de novembro haverá a segunda avaliação de desempenho e o que se espera do Plano de Intervenção e das variadas metodologias de ensino estudadas pelos

professores no PNAIC é que elas realmente estejam sendo utilizadas por todos os professores envolvidos e que os resultados sejam crescentes.

Em síntese, o que se espera é que os alunos sejam capazes de ler, compreender o mundo social em que vivem para nele intervir. Escrever os diferentes gêneros textuais circundantes de forma autônoma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Beatriz. LERNER, Delia e outros (Org.) **Ensinar: tarefa para profissionais**. Rio de Janeiro: Record, 2012
- FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed 1999.
- LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola. O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MARIA, LUZIA DE. **O Clube do Livro. Ser leitor \_ que diferença faz?** São Paulo: Globo, 2009.
- MELLO, Guiomar Namó de. **Transposição Didática, Interdisciplinaridade e Contextualização**. 2013. Disponível em <http://www.namodemello.com.br/> Acesso em: Outubro de 2015.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- NUNES, Terezinha. BUARQUE, Lair. BRYANT, Peter. **Dificuldades na aprendizagem da Leitura: Teoria e Prática**. São Paulo: Cortez, 6ª Ed. 2007.
- SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura. Uma Análise Psicolinguística da Leitura e do Aprender a Ler**. São Paulo: Artmed, 4ª ED. 1989.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento. Projeto de Ensino – Aprendizagem e Projeto Político – Pedagógico**. São Paulo: Libertad. 18ª Ed. 2008.